



FALANGE MIÚDA

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Por uma musealização da Libras (Língua Brasileira de Sinais)

Bruno Baptista dos Santos¹

Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

Júlia Mayer de Araujo²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Ana Regina e Souza Campello³

Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência profissional de pensar uma museologia inclusiva centrada na musealização das línguas de sinais e na representatividade Surda, com base em uma diretriz do Plano Nacional Setorial de Museus 2025-2035. A partir de ações de um Surdo educador no Museu do Amanhã com mediação em Libras, imersões educativas, tradução e gravação de conteúdos, criação de glossários e sinais, além de cursos e consultorias em acessibilidade, problematiza-se a importância de profissionais surdos atuantes no campo museal. Argumenta-se que a presença de Surdos educadores transforma práticas institucionais: amplia a qualidade da mediação, promove reconhecimento da Libras como elemento cultural e fortalece a participação da comunidade surda nas decisões e na produção de conteúdo. Embora avanços tenham sido observados no setor educativo e em exposições acessíveis, há ainda o que se pensar sobre a musealização desses sinais no campo museal. O texto estabelece relações com a diretriz de musealização das línguas de sinais presente nas agendas públicas contemporâneas e oferece recomendações práticas para consolidar a representatividade surda nas instituições culturais.

Palavras-chave: Representatividade Surda; Acervo Acessível; Museu do Amanhã

For a musealization of Libras (Brazilian Sign Language)

ABSTRACT

This article presents a professional experience of thinking about inclusive museology centered on the musealization of sign languages and Deaf representation, based on a guideline from the 2025-2035 National Sectoral Plan for Museums. Based on the actions of a Deaf educator at the Museum of Tomorrow, including mediation in Brazilian Sign Language, educational immersions, translation and recording of content, creation of glossaries and signs, as well as courses and consulting on accessibility, the importance of Deaf professionals working in the museum field is discussed. It argues that the presence of deaf educators transforms institutional practices: it enhances the quality of mediation, promotes recognition of Libras as a

¹ Mestrando profissional em Educação Bilingue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, pós-graduando em Divulgação Científica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, graduado em Pedagogia Bilingue pelo INES. Atualmente, exerce a função de Educador Sênior no Museu do Amanhã. Endereço para correspondência: Praça Mauá 1, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 20081-240. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8696-9695>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6321653484796536>. E-mail: brunolibrassurdo@gmail.com.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, especialista em Divulgação Científica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, licencianda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Museóloga formada pela UNIRIO. Atualmente é Educadora Museal no Museu do Amanhã. Endereço para correspondência: Praça Mauá 1, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 20081-240. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4116-7873>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7954897255717835>. E-mail: juliamayera@gmail.com.

³ 3 Doutora, Pesquisadora e Professora de Ensino Superior – Departamento de Educação Superior - DESU do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Endereço: Rua do Catete, 247 / 704 – Catete – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22220-001. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1464-9524>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>. E-mail: acampello@ines.gov.br.

cultural element, and strengthens the participation of the deaf community in decision-making and content production. Although advances have been observed in the educational sector and in accessible exhibitions, there is still much to be considered regarding the musealization of these signs in the museum field. The text establishes relationships with the guideline for the musealization of sign languages present in contemporary public agendas and offers practical recommendations to consolidate deaf representation in cultural institutions.

Keywords: Deaf Representation; Accessible Collection; Museum of Tomorrow

INTRODUÇÃO

Entre 25 a 30 de novembro de 2024, em Fortaleza (CE), foi realizado o 8º Fórum Nacional de Museus (FNM), pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Com o tema “Democracia e direito à memória”, o evento aconteceu sete anos após a sua última edição em Porto Alegre (RS), ainda em 2017, e teve como principal objetivo a construção do Plano Nacional Setorial de Museus 2025-2035 (PSNM). O documento foi apresentado na Plenária Final do evento e publicado oficialmente em 2025, contando com quatro eixos estruturantes e 39 diretrizes.

O “Eixo 3: Diversidade cultural e transversalidades de gênero, sexualidade, raça, etnia, deficiências e neurodivergências para a acessibilidade universal na política museal” teve a discussão de especialistas e representantes da sociedade civil dos diversos públicos que ela abarcava, contando com a presença de pessoas surdas sinalizantes. O eixo foi composto por sete diretrizes, sendo duas novas diretrizes acrescidas a partir das deliberações dos grupos de trabalho no 8º FNM. Entre elas, está a “Diretriz 3.7: Garantir, promover e ampliar a musealização das línguas de sinais e das culturas surdas no campo museal.”, que em seu texto apresenta:

A diretriz aborda a garantia e a ampliação dos direitos linguísticos, culturais, artísticos e científicos das pessoas surdas no campo museal, no que se refere a documentos, atividades, formação e políticas públicas, estimulando a contratação de pessoas surdas em diferentes setores museais e instituições públicas e privadas, também incentivar a produção, criação e musealização de artefatos das culturas surdas.

A diretriz se aplica a todos os participantes do setor museal, abrangendo o setor privado e as três esferas de governo (União, Distrito Federal, estados e municípios), ressaltada a importância da participação da sociedade civil. (Brasil, 2025)

A musealização, de acordo com os “Conceitos-chaves de Museologia”, de Desvallées e Mairesse (2013) é o processo científico de um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de

comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.) que transforma uma evidência, material ou imaterial, dos seres humanos e seus meios em um objeto musealizado, sendo uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica e científica dentro de um museu.

Uma língua pode ser musealizada, como é o caso do Museu da Língua Portuguesa⁴, em São Paulo. Até o momento, por meio de pesquisas em bases de dados de trabalhos acadêmicos relacionados à museologia, somente se encontra publicações relacionadas a processos de acessibilização de exposições e Educação Museal com Libras, sem a discussão de como os sinais poderiam se tornar acervo desses museus a partir de discussões que foram criadas por eles. Há também trabalhos que incentivam a divulgação de sinais de museus, como é o caso do projeto “Glossário Coletivo de Sinais de Museus Brasileiros” (Norberto Rocha *et al.*, 2023).

No âmbito do patrimônio, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)⁵, por meio da sua Política da Diversidade Linguística que atua como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das mais de 250 línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, apoiou o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, projeto que vem sendo executado em parceria entre o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de Florianópolis, até o ano de 2017 (Quadros, 2014). Até a finalização da escrita deste artigo, não foram encontradas outras propostas de documentação da Libras pelo Iphan e Ibram.

A proposta de musealização aqui apresentada e discutida será com base no trabalho de Waldisa Rússio (1935 - 1990), museóloga brasileira pioneira nas proposições teóricas e projetos museológicos acessíveis a pessoas com deficiência, que interpreta a educação como base fundamental para a musealização de uma sociedade em constante transformação (Sarraf, 2024).

Neste artigo, é discutido como essa perspectiva operou na prática no Museu do Amanhã (Rio de Janeiro) por meio de um conjunto de ações de mediação, formação e

⁴ Mais informações sobre o museu disponíveis em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/mlp/o-museu/>>. Acesso em outubro de 2025.

⁵ A notícia encontra-se disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/indl/noticias/detalhes/4198/pesquisa-coleta-dados-para-o-inventario-nacional-de-libras>>. Acesso em outubro de 2025.

produção em Libras, articuladas com a presença surda na equipe educativa (Santos e Araujo, 2024). A atuação de um Surdo educador⁶ no Museu do Amanhã envolveu mediações bilíngues (grupos surdos e ouvintes), imersões temáticas em Libras (Antropoceno, Baía de Guanabara, horta e ecossistemas), contação de histórias, e projetos de tradução e gravação de conteúdos multimodais (Cosmos; Antropoceno). Foi realizada também consultoria em acessibilidade: criação de sinais e glossário em Libras, avaliação de exposições do ponto de vista da acessibilidade linguística, oferta de minicursos sobre educação museal em Libras e participação em iniciativas coletivas como Entre Museus Acessíveis (EMA) e o projeto Museu em Libras (Mayer *et al.*, 2024). Essas práticas não são apenas ações isoladas de atendimento: são estratégias para inserir a Libras na fruição e na curadoria do acervo e para garantir que visitantes surdos encontrem no museu um lugar de reconhecimento cultural.

Observou-se, a partir dessas ações, impactos qualitativos no setor educativo: maior fluidez na mediação bilíngue, materiais e gravações em Libras, aumento de atividades programadas especificamente em Libras (temas de antirracismo, biodiversidade, campanhas de setembro mês do orgulho surdo), e oferta de formação para educadores. No entanto, os avanços não foram homogêneos em outros setores, e é percebida a importância de expandir a representatividade surda para além da sala educativa e a proposta de musealização desses sinais em Libras pensados e usados a partir do acervo do museu eleva esse compromisso a nível institucional.

Neste texto, são propostos três eixos analíticos: (1) propostas de musealização da Libras a serem implementadas no Museu do Amanhã; (2) a centralidade da representatividade surda entendida como trabalho e presença institucional de profissionais surdos para a qualidade das ações de inclusão; e (3) recomendações para consolidar mudanças estruturais. A análise combina descrição reflexiva das atividades desenvolvidas com proposições práticas para gestores culturais e formuladores de políticas públicas. A intenção é contribuir com experiências replicáveis em outros contextos museais e com argumentos que sustentem a efetiva musealização das línguas de sinais como política de patrimônio e de direitos culturais.

⁶ Nova categoria de Identidade como Surd@s Professores para a legitimidade pelo trabalho educativo de acordo com Cunha Junior, 2022

REFERENCIAL TEÓRICO

O reconhecimento da Libras através da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002) representa um marco histórico para a cultura surda, pois garante o direito linguístico e cultural de um grupo que, por muito tempo, foi invisibilizado nos espaços sociais, educacionais e culturais. Segundo autores como Skliar (1998), Strobel (2008) e Perlin (1998), a comunidade surda constitui uma minoria linguística e cultural, com identidade própria e modos específicos de perceber e significar o mundo por meio da experiência visual. Assim, a Libras não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas o principal elemento que estrutura a identidade e a memória coletiva da comunidade surda.

O Artigo 216 da Constituição de 1988 (Brasil, 1988) conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Um patrimônio cultural musealizado é aquele que está sob a guarda e preservação das instituições museológicas (Brasil, 2013), e para isso, ele precisa passar pelo processo de musealização.

Waldisa Rússio dá grande importância ao caráter transformador da educação, especialmente diante dos museus brasileiros e da sua construção social, que é formadora da identidade cultural, uma memória coletiva, em constante transformação. A autora fala que a musealização precisa ter “representatividade”, de “tornar presente qualquer coisa, alguém, um fato, um período, um processo”; a testemunhalidade de fornecer informações “sobre alguma coisa ou alguém” e a documentalidade de poder de ensinar, e a à informação a ser transmitida, não sendo apenas uma comunicação, mas uma ênfase sobre este ou aquele objeto com atribuição de uma valorização de certos objetos, sendo esta composta de diversos processos e domínios científicos, podemos realizar tirando a coisa de seu contexto (museu) ou no seu próprio contexto (Bruno, 2010).

O Museu do Amanhã, desde o seu primeiro Plano Museológico descreve que o seu acervo é o de exploração de possibilidades pelo conteúdo disponível na exposição de longa duração, formada por recursos audiovisuais em meio digital que, por meio de sua narrativa musealizada, convida a uma reflexão proativa de futuros possíveis (Museu do Amanhã, 2015; 2020). Além de uma reflexão do conceito do objeto museológico que “deve ir além das obras e instalações artísticas já existentes, considerando novos tipos de objetos que possam enriquecer a memória e a pesquisa institucional” (Museu do Amanhã, 2025).

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, de caráter autoetnográfico (Ellis e Bochner, 2000), fundamentada na experiência profissional dos autores, sendo dois educadores do Museu do Amanhã, um deles surdo. Essa abordagem parte do pressuposto de que as vivências e práticas cotidianas constituem fontes legítimas de produção de conhecimento, especialmente quando articuladas a uma reflexão crítica sobre os processos de acessibilidade e inclusão cultural.

O campo empírico da pesquisa é o próprio ambiente museal, compreendido como espaço de aprendizagem, mediação e criação de significados. As ações analisadas incluem mediações bilíngues (Português/Libras), imersões temáticas, tradução e gravação de conteúdos audiovisuais, criação de glossários e consultorias internas em acessibilidade. Também foram considerados audiovisuais “Cosmos” e “Antropoceno” da exposição principal e projetos institucionais como Entre Museus Acessíveis (EMA), Museu em Libras, Role Bike e Curso-diálogo EMA.

A coleta de dados foi realizada de forma contínua, por meio de observação participante, anotações de campo, registros fotográficos e audiovisuais, trocas com a equipe educativa e retorno do público visitante. O processo analítico se baseou na leitura reflexiva dessas experiências à luz de referenciais teóricos sobre cultura surda (Skliar, 1998; Strobel, 2008; Perlin, 1998) e museologia social (Rússio, 1984; Desvallées e Mairesse, 2013; Sarraf, 2024).

A perspectiva surda, entendida como eixo epistemológico e político, orienta toda a análise. Assim, o estudo busca compreender a musealização da Libras não apenas como estratégia técnica de acessibilidade, mas como processo cultural que transforma práticas institucionais, amplia representatividade e produz novos sentidos para o patrimônio museal.

ANÁLISES E RESULTADOS

A criação de novos sinais em Libras é um processo essencial dentro do campo museal. Enquanto a língua portuguesa possui palavras consolidadas e constantemente incorpora novos termos ou empréstimos linguísticos, a Libras ainda carece de sinais específicos para diversos conceitos técnicos, sobretudo nas áreas de ciência, cultura e museologia. Essa lacuna reforça a importância da participação de pessoas surdas nos

museus, contribuindo diretamente para o desenvolvimento da língua e para a ampliação do vocabulário técnico em Libras.

O trabalho de criação de sinais envolve pesquisa, reflexão e estudo aprofundado. É necessário compreender como os conceitos funcionam e de que forma podem ser representados visualmente na Libras, respeitando sua estrutura linguística e suas particularidades expressivas. No Museu do Amanhã, por exemplo, a equipe de Educação é interdisciplinar, formada por profissionais das áreas de pedagogia, química, biologia, museologia, entre outras, e estuda intensamente conteúdos científicos e culturais. Nessa perspectiva, o desenvolvimento de sinais requer qualidade, precisão e coerência conceitual.

Para isso, utilizam-se diferentes estratégias e recursos materiais, como gravações em vídeo, uso de chroma key, tripés, plataformas digitais (Canva, PowerPoint, YouTube, Google Drive), além de imagens e materiais impressos. Esses recursos auxiliam a produção de conteúdos acessíveis e a documentação visual dos novos sinais criados.

O processo de criação também envolve reflexão linguística. Não se trata apenas de traduzir, mas de construir significados dentro da lógica visual-espacial da Libras. Quando surge uma nova exposição ou tema, os Surdos educadores analisam os conceitos apresentados, estudam o contexto teórico e, em conjunto, desenvolvem sinais que possam representar de forma clara e adequada os conteúdos museológicos.

Após a criação, os sinais são apresentados a grupos de pessoas surdas durante as visitas mediadas, o que permite testar a compreensão e a aceitação da comunidade. Esse processo colaborativo fortalece o uso e a validação dos novos sinais, que posteriormente podem ser incorporados a glossários e materiais de referência.

Além disso, o museu busca o diálogo com comunidade surda, professores de Libras, linguistas e pesquisadores para aprofundar a análise técnica e garantir que os novos sinais sejam consistentes com as normas linguísticas da Libras. Essa prática evidencia a importância da presença de profissionais surdos nos museus, não apenas como mediadores, mas como agentes de desenvolvimento linguístico e cultural.

A partir de ações de mediação em Libras, imersões educativas, tradução e gravação de conteúdos (ex.: Cosmos, Antropoceno), a criação dos sinais em Libras para os conceitos “Cosmos” e “Antropoceno” surgiu a partir da observação direta das exposições do Museu do Amanhã e da análise dos conteúdos audiovisuais apresentados. O processo de criação desses sinais envolveu reflexão linguística e estética, fundamentada nos cinco parâmetros

da Libras: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial/corporal, que determinam a estrutura e o significado de cada sinal.

No caso de Cosmos, a criação do sinal partiu da experiência visual do espaço expositivo. O ambiente, localizado no centro do museu, tem formato oval, semelhante a um ovo aberto, com uma grande porta de entrada que conduz o visitante a um filme imersivo sobre a origem do universo e a teoria do Big Bang⁷. A partir dessa observação, o sinal de “Cosmos” foi construído utilizando uma mão com configuração “C” na palma da mão do outro lado, e com a bochecha inflada. A mão se movimenta de forma circular e expansiva, simbolizando a ideia de abertura e formação do universo (Figura 1), e esse gesto representa o movimento cósmico, a criação e a evolução da Terra, conforme mostrado no vídeo da exposição.

Figura 1 – Fotografia do sinal em Libras de “Cosmos” e seu espaço relacionado na exposição de longa duração do Museu do Amanhã



Fonte: elaborado pelos autores (2025)

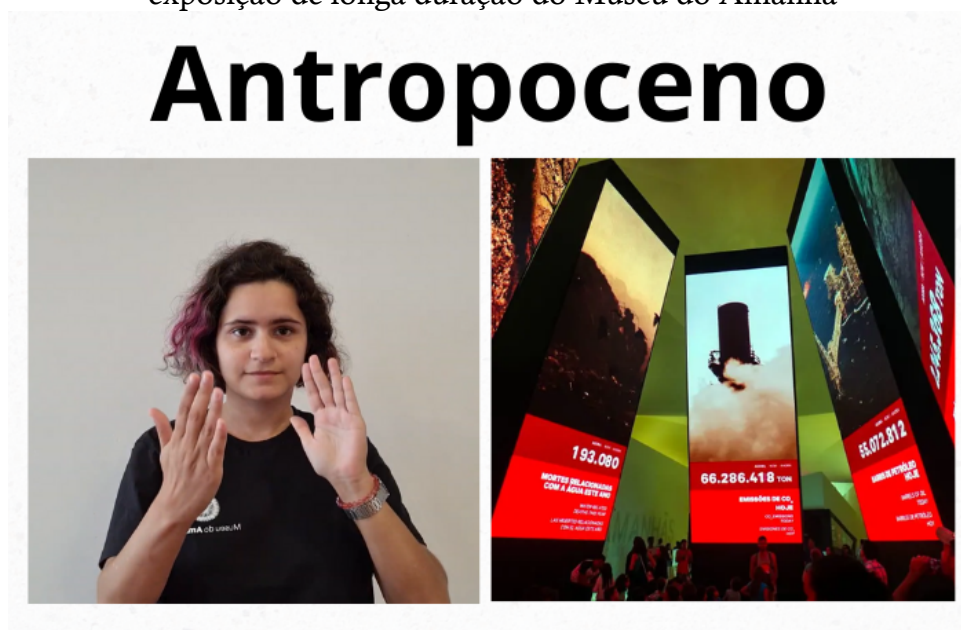
A tradução do vídeo de “Cosmos” para Libras foi um grande desafio, pois o conteúdo utiliza linguagem poética e metáforas visuais complexas. Por isso, foi necessário empregar estratégias expressivas como o uso de classificadores, Visual Vernacular (VV), movimentos corporais e expressões faciais para transmitir emoção e abstração. O objetivo

⁷ A Teoria do Big Bang é a explicação científica mais aceita para a origem do Universo, propondo que ele surgiu de uma expansão a 13,8 bilhões de anos atrás, e continua se expandindo.

foi transformar o conteúdo verbal e científico em uma narrativa visual acessível à comunidade surda, respeitando a gramática e a estética visual da Libras.

No caso de “Antropoceno”, a construção do sinal também partiu da experiência sensorial com o espaço da exposição, que apresenta seis grandes telões de aproximadamente seis metros de altura. Neles são exibidas imagens e vídeos que representam os impactos ambientais causados pela ação humana, como poluição, desmatamento, industrialização e suas consequências para o planeta. O sinal criado para “Antropoceno” envolve o uso dos dois braços erguidos e em movimento alternado, simbolizando o esforço humano e as transformações ambientais representadas nas telas (Figura 2). Esse sinal reflete a ideia de intervenção e impacto, conceitos centrais da exposição.

Figura 2 – Fotografia do sinal em Libras de “Antropoceno” e seu espaço relacionado na exposição de longa duração do Museu do Amanhã



Fonte: elaborado pelos autores (2025)

O ano de 2025 marca a primeira vez em que o vídeo da exposição “Antropoceno” recebeu tradução em Libras, garantindo acessibilidade linguística e inclusão comunicacional. Anteriormente, o conteúdo era apresentado apenas em português, inglês e espanhol e com legendas, o que dificultava a compreensão plena dos conceitos por parte do público surdo. A tradução para Libras não apenas tornou o conteúdo mais acessível,

como também valorizou a presença surda na experiência museal, reforçando o papel do Surdo educador como agente de mediação entre a ciência, a arte e a língua de sinais.

O termo “Antropoceno” recebeu tradução em Libras a partir de sua contextualização dentro da exposição do Museu do Amanhã. Esse sinal foi criado com base nos elementos visuais e conceituais do espaço expositivo, considerando a relação entre o conteúdo audiovisual, a narrativa museal e o significado de “ação humana sobre o planeta”. Por isso, o uso deste sinal deve ser restrito ao contexto do museu, pois ele foi desenvolvido especificamente para aquele ambiente e para aquele discurso visual.

Fora do Museu do Amanhã, o mesmo sinal pode não ter o mesmo sentido, já que em outros contextos, como na escola, na universidade ou em palestras, o conceito de “Antropoceno” pode ser abordado de forma diferente, exigindo outras estratégias de tradução e de explicação em Libras. Assim, é importante compreender que os sinais criados dentro de contextos museológicos são parte de uma prática educativa específica, e não devem ser aplicados de forma generalizada sem considerar o contexto original.

Da mesma forma, o sinal de “Cosmos” criado no Museu do Amanhã se relaciona diretamente com o espaço físico e com os elementos visuais da exposição, como a imagem central e o vídeo que aborda a origem do universo. Já fora do museu, em um ambiente escolar, por exemplo, o tema pode ser tratado de maneira mais ampla, com o uso de sinais mais genéricos, como “universo” ou “planeta”. Isso mostra a importância de respeitar a especificidade e o contexto de cada sinal, valorizando o processo de criação em Libras dentro do campo museal.

Na pandemia, foram criadas mediações virtuais em Libras, o que aproximou ainda mais o público surdo do museu. O projeto “Museu em Libras” utiliza materiais digitais e práticas remotas, ampliando o acesso e a participação do público surdo (Santos e Araujo, 2025). As pessoas surdas demonstraram interesse em aprender conceitos e conhecer melhor o funcionamento do museu, sendo o papel do Surdo educador foi fundamental nesse processo. A mediação feita por Surdos educadores permite que o público surdo e ouvinte compartilhe experiências de forma mais inclusiva, valorizando a visualidade da Libras.

Criação de glossários e sinais para exposições e espaços do museu, como é o caso da Horta do Amanhã, (Figuras 3 e 4), além de cursos e consultorias em acessibilidade, o trabalho no Museu do Amanhã vem se fortalecendo com base na experiência e na prática

cotidiana. Essas experiências contribuíram para compreender melhor as ações de acessibilidade e os processos envolvidos em cada atividade.

Figuras 3 e 4 – Capturas de tela do glossário “Horta em Libras”, referentes à Horta do Amanhã, presente na lateral leste do Museu do Amanhã.



Fonte: elaborado pelos autores (2025)

O projeto Entre Museus Acessíveis (EMA) tem como estratégia criar roteiros, visitas mediadas e ações que valorizem a cultura surda e a Libras como língua de mediação. Também promove parcerias com outros museus, apoiando suas ações de

acessibilidade.

Muitos museus ainda não possuem acessibilidade plena ou contam apenas com mediadores ouvintes. O EMA oferece apoio técnico e pedagógico, com intérpretes, surdos e ouvintes educadores experientes, ajudando essas instituições a desenvolver práticas mais acessíveis. Quando grupos surdos visitam outros museus, percebem diferenças claras nas ações mediadas. Mesmo com intérpretes, muitas vezes a comunicação não é eficaz, pois falta conhecimento sobre a cultura surda e o uso adequado da Libras. Isso mostra que o trabalho do Surdo educador é essencial para garantir uma mediação de qualidade e uma verdadeira inclusão cultural nos museus.

A atuação do Surdo educador inclui o uso de expressões corporais, teatro, visual vernacular, poesia e outras linguagens visuais. Essas estratégias ajudam o público a compreender melhor os conteúdos e promovem o reconhecimento da cultura surda dentro do museu. Assim, a presença do Surdo educador representa não apenas a inclusão, mas também a valorização da diversidade linguística e cultural.

Durante as pesquisas sobre acessibilidade, foi possível perceber que ainda existem desafios. Um deles é a tradução entre o português e a Libras, que exige um conhecimento profundo da Cultura Surda. A experiência prática e o estudo constante ajudam a aprimorar essa tradução e a refletir sobre o papel do intérprete de Libras.

Existem três pontos importantes:

- a) Muitos funcionários de diversos setores não têm conhecimento específico em Libras, o que pode prejudicar a qualidade das ações.
- b) Empresas terceirizadas, às vezes, contratam intérpretes de Libras com pouca experiência ou por valores mais baixos, comprometendo a qualidade do serviço.
- c) O não-vínculo de um estudo fluente em Libras interfere nas pesquisas relacionadas a conceitos apresentados pelos museus.

A presença da Libras em espaços culturais, como museus, assume uma dimensão política e simbólica de grande importância. Ao incorporar a Libras em suas ações de mediação e acessibilidade, às instituições museológicas não apenas garantem o direito de acesso, mas também reconhecem a cultura surda como parte do patrimônio imaterial da sociedade brasileira. Essa inclusão contribui para a musealização da experiência surda, valorizando suas formas de expressão, suas narrativas e seu modo próprio de construir conhecimento.

A partir do que propõe Waldisa Rússio sobre musealização, podemos entender que

os sinais em Libras criados e apresentados no Museu do Amanhã podem compor parte de seu acervo. Esses sinais que podem ser musealizados tem a “representatividade”, “testemunhalidade” e a “documentalidade” dos objetos museológicos (Bruno, 2010). Além disso, há o comprometimento com a Função Social e Educativa dos museus de acesso para populações consideradas minoritárias (Sarraf, 2024), sendo nesse caso, a Comunidade Surda aos conceitos e acervos de um museu de ciências, inovação e artes.

A presença de Surdos educadores nas equipes de museus é essencial para ampliar a acessibilidade e garantir representatividade. Sem esses profissionais, as ações inclusivas tendem a ser limitadas ou restritas a iniciativas pontuais. Portanto, torna-se fundamental que museus e instituições culturais adotem políticas permanentes de contratação e participação de pessoas surdas em suas equipes, não apenas como público, mas como protagonistas no desenvolvimento de ações educativas e consultorias em acessibilidade.

A inclusão efetiva de pessoas surdas no ambiente museal deve ser entendida como direito e compromisso institucional, fortalecendo as práticas de diversidade, acessibilidade e transformação social no campo museal, inclusive sendo um compromisso de práticas de Museologia Social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão das comunidades surdas no campo museal não deve limitar-se à oferta esporádica de interpretação: requer, sobretudo, a musealização das línguas de sinais e a presença efetiva de profissionais surdos em diversos setores dentro das instituições museais.

O Museu do Amanhã (2020) fez a pergunta: “Pode um museu ter como acervo as possibilidades do amanhã?”. A experiência nele demonstra que a inclusão plena das comunidades surdas exige presença e protagonismo, e não apenas recursos técnicos. A representatividade surda no espaço museal promove transformações reais para as “possibilidades do amanhã”, pois coloca a Libras no centro das relações educativas e comunicacionais, afirmando-a como língua de ciência, cultura e memória.

O trabalho desenvolvido reafirma que a musealização da Libras, conforme propõe o PNSM 2025–2035 é um caminho fundamental para construir museus acessíveis, plurais e comprometidos com a diversidade linguística e cultural.

A Diretriz 3.7 do PNSM 2025–2035 que orienta a promoção e ampliação da musealização de línguas de sinais e das culturas surdas, evidencia uma mudança de sentido

nas políticas públicas: não mais tratar Libras apenas como recurso técnico, mas reconhecê-la como componente do patrimônio cultural e das práticas educativas dos museus.

Para o futuro, recomenda-se:

- criação de cargos permanentes para Surdos educadores, consultores surdos em museus e vários setores;
- ampliação do uso da Libras em todos os setores institucionais (educação, comunicação, curadoria, museologia, tecnologia);
- incentivo à produção de materiais bilíngues e glossários científicos em Libras;
- acessibilizar conceitos de museologia e cursos com o tema que sejam acessíveis para mais públicos;
- e fortalecimento de redes interinstitucionais de acessibilidade cultural.

Essas ações contribuem para consolidar uma museologia mais democrática, onde as comunidades surdas possam não apenas visitar os museus, mas atuar dentro deles como produtoras de conhecimento e cultura. Pensar uma Museologia Social é também pensar em uma Museologia Acessível a públicos surdos e com deficiência como atuantes dentro dos museus.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) 2025–2035. Brasília: Ministério da Cultura / Ibram, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2025-a-2035.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

BRASIL. Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. 2013. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/36014/o-decreto-n-8-124-2013>. Acesso em outubro de 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em outubro de 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em outubro de 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Seção II, Artigo 216, caput, incisos, parágrafos. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em outubro de 2025.

BRUNO, M. C. O. (org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002157825>. Acesso em outubro de 2025.

CUNHA JÚNIOR, E. P. Surdos professores: a constituição de identidades por meio de novas categorias pelo trabalho em territórios educativos. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/26486>. Acesso em maio de 2025.

DESVALLEES, A.; MAIRESSE, F. Conceitos-chave de Museologia. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em outubro de 2025.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Handbook of qualitative research. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p. 733-768.

QUADROS, R. M. Documentação da Língua Brasileira de Sinais. Seminário Ibero-americano de Diversidade. Foz do Iguaçu, Paraná. 2014. Linguística. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/16f3abe0-154b-4c10-9e96-e3e438ac19a4>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

MAYER, J.; DAFLON, L.; LOPES, M. L.; NUNES, T.; VALENTINO, V. O Programa de Educação do Museu do Amanhã: tecendo futuros e convivências. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, maio de 2024, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1806>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

MUSEU DO AMANHÃ. Plano Museológico MDA 2015-2019. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://idg.org.br/download/arquivo/Plano+Museologico+MDA+2015-2019.pdf?id=741>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

MUSEU DO AMANHÃ. Plano Museológico MDA 2020 - 2024. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://idg.org.br/download/arquivo/Plano+Museol%C3%B3gico+MDA+2020+-+2024.pdf?id=742>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

MUSEU DO AMANHÃ. Plano Museológico MDA 2025-2029. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em:
<https://idg.org.br/download/arquivo/Plano+Museol%C3%B3gico+MDA+2025-2029.pdf?id=2368>. Acesso em 18 de outubro de 2025.

NORBERTO ROCHA, J.; HECK, S., G.; MARINHO, L.; CARMO, M. P. S. “Esse museu tem sinal de libras?” glossário de sinais de museus para inclusão de pessoas surdas. Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências, Manaus, v21. n.35, e23036, ago./dez., 2023. <https://doi.org/10.59666/Arete.v21.n35.3662> ISSN 1984-7505

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51–84.

SANTOS, B. B.; ARAUJO, J. O INCENTIVO DE ATIVIDADES EM LIBRAS NO MUSEU DO AMANHÃ. Anais do XXII Encontro Anual da RNEC; Belém, 2024. Disponível em:
<https://even3.blob.core.windows.net/download/ANAISXXIIEncontroAnualdaRNEC2024.7f9b9be3a98944749b25.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2025

SANTOS, B. B.; ARAUJO, J. M. “MUSEU EM LIBRAS”: EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE E SEU IMPACTO NA COMUNIDADE SURDA.. In: Anais do V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências. Maringá(PR) Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI), 2025. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/v-encontro-abcmc/1193354-MUSEU-EM-LIBRAS--EDUCACAO-MUSEAL-ONLINE-E-SEU-IMPACTO-NA-COMUNIDADE-SURDA>. Acesso em 20 de outubro de 2025

SARRAF, V. P. As contribuições de Waldisa Russio para o desenvolvimento da Acessibilidade Cultural: práticas, reflexões e reciprocidades com o pensamento da Sociomuseologia. Cadernos de Sociomuseologia, v. 68, n. 24, p. 111-122, 12 Nov. 2024. Disponível em:
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/9835>. Acesso em 20 de outubro de 2025

SKLIAR, C. (Org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 03 de novembro de 2025.

Aprovado: 03 de fevereiro de 2026.

Publicado: 25 de março de 2026.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

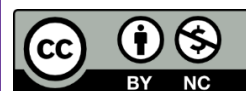
Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como ‘acesso aberto’ quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

Editor

Marcus Garcia de Sene

Publisher

Este artigo foi Publicado na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020) a Revista Poiesis Pedagógica obteve Qualis B3.

